



Militares designados ao 2/1º Regimento de Cavalaria Blindada, avançam com cautela em uma área de casamata conforme conduzem uma incursão no Complexo de Armas Hateen, em Babil, Iraque, 26 Mar 05. A incursão foi coordenada para interromper os refúgios insurgentes e limpar *cachés* de armas na área de operações.

(Marinha dos EUA/ Suboficial Edward Martens)

A Leve e a Pesada

Como Adaptar a Arma de Cavalaria para as Exigências da Força 2025 e Além

1º Ten Matthew J. McGoffin, Exército dos EUA

O maior perigo aparece no momento da vitória.

—Napoleão Bonaparte

O livro branco que declara a visão mais atualizada da *Força 2025* delinea três principais linhas de esforço: Primeiro, o *emprego da força* é definido como “As forças do Exército, em 2025,

conduzindo operações descentralizadas, distribuídas e integradas para evitar, formar e vencer por meio do uso de capacidades ágeis, responsivas e inovadoras das armas combinadas e das forças de Operações Especiais”¹. Segundo, a *ciência, a tecnologia e a otimização do desempenho humano* se concentram na capacitação de unidades combatentes efetivas por meio da aplicação eficaz e

eficiente da ciência e da tecnologia². Terceiro, o *design da Força* desenvolve e valida novos conceitos operacionais e organizacionais para que o Exército possa realizar as suas missões³.

Seriam essas linhas de esforço suficientes para preparar o Exército para lidar com as ameaças em 2025 e além? Da perspectiva da guerra de mobilidade, esse artigo recomenda que essas linhas de esforço sejam avaliadas com mais profundidade para determinar a suficiência, no contexto de ameaças emergentes, com as quais os regimentos de cavalaria serão solicitados a lidar. Considere essa perspectiva alternativa sobre as operações do Exército conduzidas durante as últimas décadas: nosso êxito na [Operação] *Desert Storm*, embora fosse notável, de fato se tornou a sentença de morte para as batalhas de posições fixas, de grande escala. O resultado das cem horas de combate terrestre não apenas provou ao mundo nossa capacidade de absolutamente superar nosso inimigo em uma luta convencional, mas também ressaltou aos nossos inimigos a necessidade de adaptar as suas forças para evitar tal conflito no futuro — o que eles têm feito.

A nossa experiência durante a *Desert Storm* nos tranquilizou e nos levou à acomodação e à desconsideração da natureza adaptável dos nossos inimigos. Isso ficou evidente conforme nossos sucessos iniciais na invasão do Iraque em 2003 (com planejamento baseado principalmente nas premissas retiradas da *Desert Storm*) provaram, na realidade, não ser uma vitória, mas sim um

grande fracasso ao não antecipar a ameaça principal — a insurgência que logo se seguiu.

A consequência do ambiente de segurança transformado após a Operação *Iraqi Freedom* (OIF) e a Operação *Enduring Freedom* é que as competências centrais do Exército dos EUA são agora, e devem continuar a ser, baseadas na guerra assimétrica para que possam lidar com as ameaças futuras mais prováveis. O conflito convencional foi redefinido porque nossos inimigos prospectivos reconheceram que não podem enfrentar e lutar contra as forças dos EUA em um combate de posições fixas. Igualmente importante, nossos inimigos deduziram que não há necessidade de igualar nossa enorme despesa em programas de defesa, considerando que podem combater efetivamente em outro nível, explorando os nossos pontos fracos. Um artigo da American Forces Press Service relata que o Gen Ex Martin Dempsey, ex-Comandante do Exército dos EUA, disse no final de 2013 que “o risco do conflito Estado-contra-Estado *declinou*, [itálico acrescentado] ... mas devido à proliferação global da tecnologia, a capacidade dos atores não estatais de travar a guerra para prejudicar ou destruir *nunca foi tão grande* [itálico acrescentado]”⁴.

O livro *Out of the Mountains: The Coming of Age of the Urban Guerrilla* (“Saíndo das Montanhas: a Futura Era da Guerrilha Urbana”, em tradução livre), de David Kilcullen, descreve como uma combinação da globalização, da urbanização, da proliferação de armas e dos Estados fracassados irão contribuir para os conflitos



Militares da 1ª Brigada de Combate, 1ª Divisão de Cavalaria, manobram carros de combate *M1 Abrams* no Centro Nacional de Treinamento, no Forte Irwin, durante um exercício de ação decisiva, 15 Fev 14.

(Exército dos EUA/ Cb Randis Monroe, Gabinete de Relações Públicas do Centro Nacional de Treinamento)

travados dentro de cidades contra um inimigo bem financiado, de astúcia tecnológica, e que pode rapidamente se adaptar à medida necessária para lidar com as nossas táticas, técnicas e procedimentos com a ajuda de material e tecnologia comercial de prateleira⁵. Segundo o Manual de Campanha 2-91.4, *O Apoio de Inteligência para as Operações Urbanas* (FM 2-91.4, *Intelligence Support to Urban Operations*), esses inimigos “podem considerar [o conflito urbano] como a sua melhor chance de neutralizar as vantagens tecnológicas e de poder de fogo dos oponentes modernos”⁶. O Centro de Pesquisa da Administração Nacional da Aeronáutica e do Espaço (NASA), em Langley, confirma essa ideia, segundo uma apresentação de *slides*, do cientista-chefe Dennis Bushnell, que declara que “o combate se tornará cada vez mais robótico e provavelmente de preços mais acessíveis, [e] é uma realidade admitida que serão *colmeias* de sensores/atiradores”⁷. É necessário apenas considerar os sucessos da Rússia, com a guerra híbrida na Ucrânia e na Geórgia — combinando as operações de informações de dissimulação com as operações especiais e das forças paramilitares —, ou dos sucessos semelhantes do Estado Islâmico no Iraque e na Síria (ISIS, na sigla em inglês), com o seu emprego de *colmeias* contra forças tradicionais no Iraque e na Síria, para se observar exemplos de ameaças vindouras.

Modificando o Papel da Cavalaria

Como o ambiente de segurança se transformou, o requisito principal do regimento de Cavalaria também se modificou: de destruição em massa dos meios tradicionais de reconhecimento do inimigo, para o fornecimento eficaz de reconhecimento, observação e seleção de alvos. Isso proporciona ao comandante superior das forças terrestres uma melhor oportunidade para: avaliar os ambientes culturais, as ameaças e as oportunidades; complementar as forças de operações especiais; e neutralizar o inimigo. Melhorar as capacidades dos nossos regimentos para satisfazer essa exigência não é tão simples quanto acrescentar uma nova arma, sistema de pontaria ou veículo; em vez disso, torna-se necessário introduzir mudanças fundamentais à estrutura e ao emprego das forças de Cavalaria.

A Adaptação da Estrutura

Vários profissionais de Cavalaria já escreveram sobre esse assunto, inclusive os Capitães Joshua Suthoff e Michael Culler. Em seu excelente artigo “Ideas on

Cavalaria” (“Ideias sobre a Cavalaria”, em tradução livre), eles escreveram: “Se a cavalaria for ser preservada, as ideias para manter a Arma relevante não podem ser descartadas como perigosas ou fora das nossas capacidades”⁸. Eu acrescento, dizendo que, primeiro, devemos adaptar nossa estrutura, reconhecendo que o Exército de 2025 e além terá várias exigências para os regimentos de Cavalaria.

O primeiro requisito para as forças de reconhecimento leves e descentralizadas é melhor tipificado pelo crescente emprego de operadores especiais pelo Exército, combinado com plataformas não tripuladas e estratégicas, em papéis especiais de reconhecimento em segurança de área ampla. A segunda exigência, desenvolvida com base em experiências passadas, recomenda uma força expedicionária de manobras das armas combinadas que provavelmente enfrentará blindados inimigos nas incursões iniciais nos países estrangeiros. Reconhecer que cada uma das formações atuais dos regimentos de cavalaria se destaca em certas áreas, o cumprimento dessas duas missões exige a harmonia e o aperfeiçoamento das nossas capacidades existentes. Embora outros tenham escrito sobre a necessidade de reconhecer os fatos estruturais atuais usados em campanha e mudar a Arma de Blindados para a Arma de Cavalaria, eu proponho mais uma coisa, dividir a nova força de Cavalaria em partes leve e pesada, com as características distintas mencionadas abaixo⁹:

A Cavalaria Leve —

- ◆ inclui a brigada de combate de infantaria atual, a brigada de combate *Stryker* (SBCT, na sigla em inglês) e os remanescentes regimentos de cavalaria de brigada de vigilância do campo de batalha;
- ◆ desempenha reconhecimento, vigilância e seleção de alvos, e assim provendo segurança;
- ◆ melhora a capacidade para a destacamento descentralizado de nível pelotão para baixo a outras formações, principalmente da Infantaria;
- ◆ é provida com veículos para qualquer tipo de terreno, com sensores complementares e tecnologia de pontaria, que lhes permitam atuar efetivamente, empregando grupos de combate e equipes descentralizados; e
- ◆ conduz instrução militar que inclui o Curso de Comandantes de Reconhecimento e de Observação, o Curso de Reconhecimento do Exército, a Escola de Assalto Realizado por Unidades Aeromóveis, a Escola

de Destacamento Precursor, o Curso de Observador de Fogos Conjuntos, a Escola de Atirador de Elite e o Curso de Rastreador de Combate.

A cavalaria pesada —

- ◆ inclui tripulantes atuais de carros de combate e de reconhecimento blindado das brigadas de combate blindadas (ABCT, da sigla em inglês);
- ◆ desempenha tarefas ofensivas e defensivas e fornece reconhecimento avançado e funções tradicionais de segurança para a força de manobras de armas combinadas;
- ◆ atua como equipes de caça e destruição orientadas ofensivamente, devido a uma combinação de formações de carros de combate e de reconhecimento blindado; e
- ◆ conduz instrução militar que inclui o Curso de Atirador-Mestre e o Curso de Reconhecimento do Exército.

Essa proposta de divisão em unidades leves e pesadas, que incluiria qualificações militares independentes para cada tipo de Cavalaria, mas apenas um campo de controle para oficiais da Arma, se baseia em duas premissas:

- ◆ (1) Uma força de Cavalaria bem definida, equipada e adestrada responde mais efetivamente contra inimigos adaptáveis e inovadores.
- ◆ (2) A mentalidade, a instrução e a experiência necessárias para militares das formações leves e pesadas de Cavalaria se diferenciam amplamente, um fato que só vai aumentar com a chegada de novas tecnologias e de diferentes exigências de missão, a partir de agora.

A separação das qualificações militares em dois elementos permitirá a retenção de pessoal bem treinado e o conhecimento organizacional. Além disso, evitará a curva de aprendizado muito pronunciada e a dificuldade em entender o emprego, fato este que acompanha muitas vezes o militar que faz transição de um tipo de especialização para outro.

Com a separação estabelecida dos tipos especializados de Cavalaria, precisamos de mais do que apenas a mudança estrutural, mas também necessitamos mudar o “como” lutamos.

Adaptar o Emprego

Além de adaptar a estrutura das unidades de Cavalaria, o Exército precisa modificar a forma como as emprega. Seguem várias recomendações sobre o emprego da Cavalaria Leve e Pesada.

A Cavalaria Leve descentralizada. Em suas configurações atuais, nossos regimentos de Cavalaria Leve possuem uma

multidão de problemas bem documentados, resumida em uma única questão oferecida por Suthoff e Culler: “O que torna um regimento de Cavalaria diferente do associado batalhão de Infantaria dentro de uma IBCT (brigada de combate de infantaria) ou de uma SBCT (*Stryker*) além de uma reduzida tabela modificada de organização e de equipamento?”¹⁰

Da forma como nossa Força se encontra atualmente, a recente história dos regimentos de Cavalaria mostra que são empregados de outras formas, além de meios de reconhecimento. Em vez disso, têm sido considerados formações equipadas similarmente, menos capazes e ocupantes de terreno que parecem redundantes ao lado da Infantaria, dentro do contexto da segurança de área ampla e do combate assimétrico. À luz desse ambiente atual, nossa Força precisa adaptar-se ou vai perecer. Ao invés de competir contra a Infantaria por um propósito, a Cavalaria deve complementar a outra ao acrescentar valor singular junto com, e ao lado, das formações de Infantaria — da mesma forma como atuava no passado.

Infelizmente, parece haver uma falta de sincronização de esforço e de comunicação das tarefas e dos propósitos entre os regimentos de Cavalaria e as unidades de manobras baseadas na Infantaria. Nossos regimentos não são formados para a descentralização. De fato, a convicção geral tende a ir na direção oposta, consolidando mais meios orgânicos dentro do regimento de Cavalaria Leve e fazendo com que seja uma fraca força de manobra (em comparação com a Infantaria).

Em vez de consolidar uma superabundância de meios dentro dessas formações leves, devemos nos concentrar em nossas competências centrais de reconhecimento e de vigilância e adaptar esses regimentos, removendo meios — ou seja, que sejam capazes de operar como elementos descentralizados. Devem ser adestrados, equipados e facultados para destacamento nos níveis pelotão, grupo de combate e equipe, de acordo com a visão do Exército para a Força 2015 e os ambientes futuros da guerra assimétrica. Devemos cumprir isso pela simples razão de que as crescentes ameaças híbridas e de colmeia exigem uma resposta orientada ao propósito.

Conforme os inimigos futuros tornarem-se progressivamente mais urbanizados, dispersados e conectados em redes, precisamos avaliar como nossos regimentos de Cavalaria continuarão a prover o máximo valor ao Exército. Deve-se considerar que os institutos de pesquisa, os blogs militares e a visão estratégica do nosso Exército sobre a Força 2025 têm ressaltado a importância

das capacidades das operações especiais e da descentralização. Para esse efeito, temos um meio não utilizado como os batedores da tropa de Cavalaria e, também, do regimento de Cavalaria Leve, especialmente considerando que “um inimigo assimétrico exige batedores capazes de conduzir um reconhecimento *desembarcado, em pequenas equipes*, [itálico acrescentado] para serem efetivos”¹¹.

Os requisitos modulares exigem uma Cavalaria flexível.

Quando destacado do seu regimento-sede e trabalhando dentro das formações de Infantaria, as pequenas equipes de batedores com capacidades técnicas e treinamento específico podem agir como nódulos de informação em uma área operacional urbana, fornecendo dados atualizados e informações sobre os alvos, por meio de reconhecimento e observação de acesso aproximado. Essas equipes podem trabalhar com uma capacidade de reconhecimento e observação como “caçadores”, apoiando os “destruidores” da infantaria, ou eles podem preencher uma função de segurança semelhante à metodologia bem-sucedida das pequenas unidades de destruidores da Operação *Iraqi Freedom*, onde pequenas equipes de emboscada visavam as células de colocação de dispositivos explosivos improvisados dentro de áreas urbanas e ao longo das rotas logísticas principais¹². Se fossem empregadas de forma ativa ou passiva, essas equipes descentralizadas seriam profissionalizadas por meio de cursos em escolas, como o Curso de Comandantes de Reconhecimento e de Observação. Podem tornar-se especialistas no combate aproximado e na coberta, aproveitando — ao contrário de simplesmente fingir aproveitar — as lições do Iraque e do Afeganistão para conduzir a infiltração e a exfiltração dissimulada quando destacados às unidades de Infantaria, executando operações como cerco e vasculhamento. Essas equipes então seriam muito mais efetivas quando complementadas com tecnologias emergentes.



Conceito de artista do novo Ground-X Vehicle (GXV-T)

(Cortesia da DARPA)

A Força 2025 descreve a ciência e a tecnologia — em particular os materiais disponíveis em prateleira — como integrantes para o futuro do combate. Isso é um bom augúrio para nossos regimentos de Cavalaria porque, como especialistas em missões de reconhecimento no Exército,

eles estão posicionados singularmente para demandar essas capacidades e não simplesmente esperar e ver quais tecnologias serão desenvolvidas em outros setores e passadas para o seu nível. Os sensores baratos e onipresentes podem revolucionar o emprego da Cavalaria Leve, conforme expandem amplamente a profundidade potencial do reconhecimento, da vigilância e a área de cobertura, especialmente quando

combinados com uma estrutura de pequenas unidades de batedores descentralizadas.

Esses grupos seriam equipados e adestrados para empregar os sensores disponíveis atualmente, como os sistemas Close-Access Target Reconnaissance (Reconhecimento de Alvo de Acesso Aproximado, em tradução livre) e Unattended Ground Sensor (Sensor Terrestre Autônomo, em tradução livre)¹³. Esses são dispositivos que capacitam a identificação, o rastreamento e a localização de alvos — em particular, mas não exclusivamente, em ambientes urbanos — e aumentam, de forma fácil e relativamente barata, as capacidades para a coleta de informações para toda a formação de combate. Os grupos seriam equipados, também, com sistemas de aquisição de alvos móveis atualmente disponíveis, como os binóculos de localização de distância VECTOR que, quando combinados com um receptor do sistema de posicionamento global (GPS), permitem que o operador gere quadriculados de localização de alvos com tanta precisão quanto, e com muito mais liberdade de emprego do que, o Long-Range Advance Scout Surveillance System — LRAS3 (Sistema Avançado de Observação de Longa Alcance, em tradução livre), que é pesado e de difícil manejo, em alcances comuns nos ambientes urbanos¹⁴.

Essas tecnologias são ensinadas atualmente nas escolas militares, mas ainda não estão designadas a todas as

tabelas modificadas de organização e de equipamento dos regimentos de Cavalaria no papel de esclarecedor. Como o Ten Cel Eric Lowry escreveu em um artigo, de 2014, “Dez anos de guerra no Oriente Médio, lutando contra um inimigo que pode se misturar bem entre o povo, já demonstrou a necessidade para uma capacidade mais eficiente de encontrar e identificar o inimigo de forma positiva. A identificação e a destruição das redes de apoio do inimigo ... [é um] aspecto essencial que apoia ao Exército de 2020”¹⁵.

Os sensores mencionados anteriormente e outras tecnologias de observação não tripuladas são exemplos das capacidades disponíveis que permitirão que os destacamentos dos regimentos de Cavalaria Leve identifiquem e visem mais efetivamente essas redes inimigas. Além disso, aprimorariam, em grande medida, a capacidade da unidade de Cavalaria de cumprir os requisitos de informações em ambientes futuros da guerra assimétrica.

Os regimentos de Cavalaria do futuro. O regimento de Cavalaria Leve ideal do futuro seria preparado para atuar de modo descentralizado, colocando destacamentos de equipes de facilitadores de reconhecimento em unidades de Infantaria relativamente fortes. Essa recomendação se encaixa bem no modelo de forças alinhadas regionalmente e de desdobramentos de pequenas unidades para a defesa interna em países no exterior. As equipes e grupos de batedores de Cavalaria Leve equipados com sistemas de controle de observação e viaturas leves especializadas — como por exemplo, talvez, o veículo QT (qualquer terreno) tático leve atualmente empregado por certas unidades aeroterrestres, ou mais no futuro, o proposto Ground X Vehicle (“Veículo Terrestre X”) da Defense Advanced Research Projects Agency — pode acrescentar valor singular às companhias de Infantaria, como atualmente fornecido pelas muitas cobiçadas equipes de atiradores de elite¹⁶. Essas equipes, em vez de simplesmente operar um LRAS3 (tipicamente usado em um veículo da Infantaria como o *Stryker* ou viaturas de proteção contra emboscadas e de resistência às minas [*MRAP*, na sigla em inglês]), incluiriam pessoas qualificadas como observadores conjuntos de fogos, com o Curso de Reconhecimento do Exército, na Escola de Destacamento Precursor e nas Escolas de Assalto Realizado por Unidades Aeromóveis. Com veículos leves e a tecnologia emergente, essas equipes podem prover uma capacidade além dos meios da Infantaria. Em vez de consumir passivamente as informações de sensores por

meio de terminais de visada, essas equipes podem usar sistemas de controle de plataforma não tripulados e de sensores para aumentar a cobertura de reconhecimento e produzir observação complementar.

Com uma nova tabela modificada de organização e de equipamento, nossos regimentos de Cavalaria Leve podem adestrar e preparar essas equipes junto com outros meios de coleta de informações, como o pelotão de observação aérea não tripulada, uma equipe de inteligência humana e intérpretes — todos disponíveis para serem destacados às companhias de infantaria. No entanto, nossas formações leves atuais tendem a ser demasiadamente empregadas de forma contígua e pesada para atuarem ao longo dessas linhas. A descentralização dos regimentos de Cavalaria Leve permitiria que as capacidades de treinamento e de tecnologia acima mencionadas fossem distribuídas por toda a força de manobras, ao invés de serem concentradas dentro de uma formação. Enquanto isso, o Exército de 2025 também exige uma capacidade de manobras das armas combinadas — uma que é melhor fornecida pela Cavalaria Pesada.

A Cavalaria Pesada das armas combinadas. Os atuais regimentos de cavalaria equipados para prover capacidades de combate blindadas incluem os regimentos orgânicos das brigadas de combate blindadas e as *Stryker Brigade*. Contudo, o regimento orgânico da cavalaria de brigada de combate *Stryker* é mais leve, sendo menos efetivo nesse papel por várias razões. Primeiro, como a experiência prática tem mostrado, a função desse regimento no exercício do reconhecimento à distância como a ponta de lança para as brigadas de combate *Stryker* e as brigadas de combate blindadas suplementares, não sobrevive ao primeiro contato com inimigos de padrão comum. Empregados em vários tipos de terreno, o canhão e os sistemas de direção de mísseis anticarro de até um pequeno número de sistemas soviéticos remanescentes, como a viatura de combate de Infantaria BMP-2, contêm alcance e poder de fogo suficientes para desgastar um regimento inteiro de Cavalaria *Stryker* e, assim, diminuir o ritmo operacional das forças blindadas suplementares.

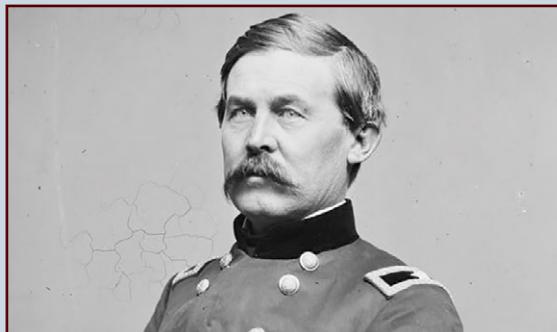
Esse dilema sobre o emprego faz lembrar a invalidação semelhante do conceito de tropas de reconhecimento de brigada antes da Operação *Iraqi Freedom*, quando os batedores de Cavalaria Leve equipados com veículos militares multitarefas de alta mobilidade (high-mobility multipurpose wheeled vehicle — HMMWV, ou

simplesmente o “Humvee”) não conseguiram manter o ritmo operacional da brigada de combate pesada devido às baixas inaceitáveis¹⁷. Segundo, essa falta de capacidade de sobrevivência da Cavalaria *Stryker* junto com a ausência de fortes capacidades de manutenção orgânica ou de ressurgimento de combustível — como as fornecidas por uma companhia de apoio avançada — faz com que seja improvável que a formação consiga manter o ritmo operacional em um combate futuro de entrada forçada.

Seria muito mais efetivo estabelecer prioridades não ambíguas, integrar essa força funcional de Cavalaria Leve em missões de segurança de área ampla e dispersa e empregar mais brigadas de combate blindadas pesadas em missões de caça e destruição na vanguarda. Dessa forma, os batedores de Cavalaria equipados com *Bradleys* e os tripulantes de carros de combate da brigada de combate blindada adotariam, juntos, o único papel de Cavalaria Pesada.

Dentro da Cavalaria Pesada, o desenvolvimento e o emprego efetivos da força exigem preparação específica dentro de uma típica lista de tarefas essenciais para a missão que se concentra na defesa e na ofensiva. No entanto, uma década de emprego geral significa que as preparações para as missões de ação decisiva de grande escala têm sofrido. Além disso, como observado pelo *Sergeant Major* [praça mais antiga no Exército — N. do T.] (da Reserva) Derek McCrea, “a prioridade da brigada de combate blindada ao longo da última década não incluía treinamento repetitivo e tradicional de pontaria, manutenção e manobras devido aos desdobramentos consecutivos em veículos não padrões (viaturas de proteção contra emboscadas e de resistência às minas, etc.)”¹⁸. Ao turvar as águas entre a Cavalaria Leve e a Pesada, temos criado formações amplamente concentradas e menos proficientes tecnicamente. Para formar e manter uma mentalidade de Cavalaria Pesada concentrada nas características da ofensiva — surpresa, concentração, audácia e ritmo — precisamos, necessariamente, empregar os regimentos de Cavalaria Leve e Pesada em papéis específicos para a sua composição e competências centrais. Nosso problema, reforçado pela doutrina atual, é que temos a tendência de assumir que as capacidades são praticamente as mesmas, através todos os tipos de regimentos de Cavalaria.

Como visto na tabela na página 86, os perfis atuais de missão dos regimentos de Cavalaria não se diferenciam entre a maioria das várias formações compostas de forma



Retrato do Gen [de uma estrela] John Buford (Gen Bda a partir de 01 Jul 1863), oficial do Exército da União

(Foto cortesia da Biblioteca do Congresso dos EUA)

O Papel Decisivo da Cavalaria na Batalha de Gettysburg

A 1ª Divisão de Cavalaria do Exército da União nos proporciona um exemplo clássico do emprego eficaz da Cavalaria quando cumpriu de forma bem-sucedida missões tradicionais durante a Batalha de Gettysburg. Em meados de junho, de 1863, o Comandante de Divisão, Gen [de uma estrela] John Buford foi designado para encontrar, impedir e coletar informações sobre o Exército Confederado, liderado pelo Gen Ex Robert E. Lee.

As forças confederadas tinham passado ao norte da fronteira do Estado da Pensilvânia, mas a sua localização foi desconhecida. No entanto, em 30 de junho de 1863, cavalarianos da força de Buford descobriram a vanguarda do exército de Lee, a oeste da pequena cidade de Gettysburg, na Pensilvânia. Buford relatou isso imediatamente por meio de mensageiro ao comandante superior da área, o Gen Bda John Reynolds, que determinou que o grosso das forças da União começasse a mover-se rapidamente para Gettysburg. Nesse meio tempo, ordenou que a sua força de aproximadamente 3.000 cavalarianos ocupassem o terreno elevado acima das entradas da cidade, antes das forças confederadas. Inicialmente, a Cavalaria de Buford, lutando como Infantaria Leve, forçou o Exército de Lee a desdobrar-se prematuramente em formações de combate, antes de concentrar-se completamente. Isso ajudou, de forma bem-sucedida, a adiar o progresso do exército confederado até que o complemento integral das forças da União chegasse, sob o comandante superior Gen Bda George Meade. Subsequentemente, a Cavalaria de Buford conduziu implacáveis missões de reconhecimento montadas que forneceu aos chefes superiores da União informações precisas e detalhadas sobre os movimentos e formações dos confederados.

Muitos historiadores consideram as ações da Cavalaria de Buford no início do engajamento como, talvez, o fator singular mais importante que formasse a situação e capacitasse o Exército da União a vencer a Batalha de Gettysburg. Apesar do decorrer dos anos e de grandes avanços em equipamentos e tecnologia, é fácil visualizar como a Cavalaria, tanto a Leve quanto a Pesada, pode exercer um papel central nos engajamentos travados sob as condições dos ambientes operacionais atuais.

Tipo de Regimento	Blindado Regimento de Cavalaria de Brigada de Combate	Stryker Regimento de Cavalaria de Brigada de Combate	Infantaria Regimento de Cavalaria de Brigada de Combate	Brigada de Observação do Campo de Batalha Regimento de Cavalaria
Tarefas de Reconhecimento				
Reconhecimento de Zona	F	F	F	P
Reconhecimento de Área	F	F	F	F
Reconhecimento de Eixo	F	F	F	P
Reconhecimento em Força	P	P	P	X
Tarefas de Segurança				
Varredura	F	F	F	P
Guarda	P	P	P	X
Cobertura	X	X	X	X
Segurança de Área	F	F	F	R
Segurança Local	F	F	F	F
Tarefas Ofensivas				
Ataque	P	P	P	X
Marcha para o Combate	P	P	P	X
Tarefas Defensivas				
Defesa de Área	P	P	P	X
Defesa Móvel	P	P	P	X
Movimento Retrógrado	P	P	P	X
Tarefas de Estabilização				
Segurança Civil	F	F	F	R
Controle Civil	F	F	F	R
Restauração dos Serviços Básicos	R	R	R	R
Apoio ao Governo	R	R	R	R
Apoio ao Desenvolvimento Econômico e de Estrutura	R	R	R	R
Tarefas de Apoio Civil				
Apoio aos Desastres / Ataques Terroristas	A capacidade depende das missões específicas designadas. Dependendo da missão, o regimento talvez precise de reforços.			
Apoio à Manutenção da Ordem Pública				
Outro Apoio				
F-Completamente Capaz	R-Capaz quando reforçado			
P-Capaz quando as capacidades inimigas não arriscam o cumprimento da missão	X-Não capaz			

Matriz das Capacidades dos Regimentos de Cavalaria



Dois militares do 1/61º Regimento de Cavalaria observam a área de cima de uma montanha, com visão do desfiladeiro Towr Gahr, na Província de Nangarhar, Afeganistão, 6 Nov 10. Os dois subiram o monte de mais de 1.200 metros de altura para visitar a aldeia de Gurem, pela primeira vez.

(Sgt Ryan C. Matson/ 210º Destacamento Móvel de Relações Públicas)

diferente, promovendo assim o emprego para os mesmos tipos de missões¹⁹. Em vez disso, podemos melhorar a nossa força ao reconhecer e harmonizar as capacidades e limitações atuais e fazer com que a cavalaria pesada da brigada de combate blindada seja nossa principal *Cavalaria combatente* — uma força de caça e destruição, capaz de ficar engajada de forma decisiva quando necessário e de ser a ponta da lança, em uma luta de entrada forçada em outro país. Ao limpar o terreno de ameaças blindadas, essa força seria seguida por outra brigada de combate *Stryker* ou de Infantaria e as unidades da Cavalaria Leve em um papel principal de segurança de área ampla, com batedores descentralizados obtendo alvos urbanos e de baixa intensidade, coletando informações e esclarecendo a situação para os seus irmãos da Infantaria e da Cavalaria Pesada concentradas na ofensiva.

Conclusão

Seria bom o Exército lembrar os cavaleiros franceses em Agincourt que se montaram altos, com orgulho e confiança, apenas para serem destruídos pelos arcos longos dos ingleses — sobre os quais tinham consciência antes da batalha, mas não consideravam uma ameaça urgente, merecendo reflexão crítica e reformas do

emprego da força. Da mesma forma, a Arma de Cavalaria precisa adaptar-se — em vez de apenas revisitar antigas ideias. Ao mesmo tempo, o Exército precisa adaptar-se, por meio da reconstituição da força, devendo incluir a reforma do emprego da Cavalaria para enfrentar as ameaças principalmente urbanas, descentralizadas e em redes horizontais, de 2025 e além. Para essa finalidade, o Exército precisa reconhecer que a guerra assimétrica não é uma capacidade colateral — é o futuro. Assim, faz-se necessário melhorar a Força, de acordo com duas recomendações: o desenvolvimento de regimentos de Cavalaria Leve especializados e descentralizados, capazes de serem destacados para desempenhar funções de reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos; e o desenvolvimento de regimentos de Cavalaria Pesada de manobras das armas combinadas que sejam adestrados e estruturados para conduzir operações ofensivas e defensivas audaciosas e com funções de reconhecimento e de segurança mais tradicionais, especialmente em situações de entrada forçada. Acima de tudo, devemos lembrar de sermos lógicos taticamente e não limitados doutrinariamente — em resumo, sermos inovadores e não como aqueles cavaleiros franceses em Agincourt. ■

O 1º Ten Matthew J. McGoffin, Exército dos EUA, é o Oficial Administrativo da Companhia de Comando e de Apoio do Batalhão do Comando, da 1ª Divisão de Cavalaria, no Forte Hood, Texas. É bacharel em Geografia pela Academia Militar dos EUA, em West Point, sendo ainda graduado no Curso Básico de Oficiais de Blindados e no Curso de Reconhecimento do Exército, tendo servido anteriormente como Oficial de Informações Táticas e como Comandante de Pelotão de Esclarecedores. Serviu em apoio da Força Multinacional e de Observadores, no Sinai, Egito, e trabalhou como analista do Oriente Médio e da África do Norte para a Agência de Inteligência de Defesa.

Referências

Epígrafe. Herbert Edward Law e Charles Lincoln Rhodes, *Napoleon In His Own Words* (Chicago: A.C. McClurg & Co, 1916), p. 119. A tradução em português foi retirado do site: quemdisse.com.br.

1. Army Capabilities Integration Center (ARCIC), *Army Vision—Force 2025*, white paper (Washington, DC: ARCIC: 23 Jan. 2014), p. 2, acesso em: 13 jul. 2015, http://www.arcic.army.mil/app_Documents/USArmy_WhitePaper_Army-Vision-Force-2025_23JAN2014.pdf, p. 2-3.
2. *Ibid.*, p. 3.
3. *Ibid.*
4. Gen. Martin E. Dempsey, citado in Jim Garamone, "Dempsey: Military Battles Against Fiscal Uncertainty," *American Forces Press Service*, 16 Nov. 2013, acesso em: 13 jul. 2015, <http://www.defense.gov/news>.
5. David Kilcullen, *Out of the Mountains: The Coming Age of the Urban Guerrilla* (New York: Oxford University Press, 1 Jul. 2015), p. 16 e 176.
6. Field Manual (FM) 2-91.4, *Intelligence Support to Urban Operations* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office [GPO], March 2008), p. vi, distribuição autorizada apenas aos órgãos do governo dos EUA.
7. Dennis M. Bushnell, "Future Strategic Issues/Future Warfare [Circa 2025]" (PowerPoint presentation, National Aeronautics and Space Administration, Langley Research Center, Hampton, VA, 23 May 2001), acesso em 13 jul. 2015, <https://www.metabunk.org/attachments/future-strategic-issues-and-warfare-pdf.3295/>; para informações sobre "colmeias", consulte John Arquilla e David Ronfeldt, *Swarming and the Future of Conflict* (Santa Monica, CA: RAND Corporation, 19 Dec. 2000), acesso em 27 jul. 2015, http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/documented_briefings/2005/RAND_DB311.pdf.
8. Joshua T. Suthoff e Michael J. Culler, "Ideas on Cavalry," *ARMOR* (October–December 2013), p. 64, acesso em 13 jul. 2015, <http://www.benning.army.mil/armor/earmor/>.
9. Nathan A. Jennings, "Cavalry Branch: a Redesignation for the 21st Century," *ARMOR*, (January–February 2014), p. 23, acesso em 13 jul. 2015, http://www.benning.army.mil/armor/earmor/content/issues/2014/JAN_FEB/jennings.html.
10. Suthoff e Culler, "Ideas on Cavalry," p. 62.
11. *Ibid.*, p. 63.
12. Ken Segelhorst, "Small-Unit Kill Teams," *ARMOR*

(January–February 2008), p. 26-33.

13. Para informações sobre o sistema Close-Access Target Reconnaissance, consulte Eric Lowry, "Tagging, Tracking, and Locating: Intelligence-Gathering in Support of Army 2020," *ARMOR* (March–June 2014), acesso em 14 jul. 2015, http://www.benning.army.mil/armor/eARMOR/content/issues/2014/MAR_JUN/Lowry.html; para informações sobre o sistema Unattended Ground Sensor, Consulte Defense Update, "Unattended Ground Sensors," *International Online Defense Magazine*, 2006(1), acesso em 24 ago. 2015, <http://defense-update.com/features/du-1-06/feature-ugs.htm>.

14. Para informações sobre os binóculos de localização de distância VECTOR, consulte "VECTOR 21: The Typical Forward Observer Device," Vectronix website, acesso em 24 ago. 2015, <http://www.vectronix.us/handhelds/rangefinders-day/binocular/vector-21>; for informações sobre o Long Range Scout Surveillance System, consulte Michel Jones e Christopher Wagner, "Long Range Scout Surveillance System (LRAS3)," *ARMOR* (November–December 1998), p. 22–24, acesso em 24 ago. 2015, http://www.benning.army.mil/armor/eARMOR/content/issues/1998/NOV_DEC/Armor-NovemberDecember1998web.pdf.

15. Lowry, "Tagging, Tracking, and Locating," p. 71.

16. Para informações sobre o veículo QT (qualquer terreno) tático leve, consulte Jason Hull, "New Equipment Makes Global Response Force More Mobile, Lethal," *Army.mil* website, 30 Oct. 2014, acesso em 24 ago. 2015, http://www.army.mil/article/137311/New_equipment_makes_Global_Response_Force_more_mobile_lethal/; para informações sobre o Ground X Vehicle, consulte Defense Advanced Research Projects Agency, "New Ground X-Vehicle Technology (GXV-T) Program Aims to Break the 'More Armor' Paradigm for Protection," DARPA website, 18 Aug. 2014, acesso em 24 ago. 2015, <http://www.darpa.mil/news-events/2014-08-18>.

17. Stephen E. Bruch, "Did Force XXI Validate the Brigade Reconnaissance Troop?" (tese de mestrado, U.S. Army Command and General Staff College, 1998), p. iii, acesso em 14 jul. 2015, <http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a350081.pdf>.

18. Derek D. McCrea, "TCM-ABCT Identifies Gaps in Bradley Training," *INFANTRY* (July–September 2013), p. 22, acesso em 14 jul. 2015, <https://www.benning.army.mil/infantry/magazine/issues/2013/Jul-Sep/pdfs/McCrea.pdf>.

19. FM 3-20.96, *Reconnaissance and Cavalry Squadron* (Washington, DC: U.S. GPO, March 2010), p. 1–4, distribuição apenas autorizada aos órgãos do governo dos EUA e aos seus terceirizados.